

Os problemas demográficos da China

TA CHEN

(Tradução de Maria de Lourdes
Lima Modiano)

O Dr. Ta Chen, autor do presente trabalho da série "Problemas de População e Alimentação" da UNESCO, é professor de Sociologia da Universidade Tsing Hua, em Peiping, e especialista em questões de população e trabalho. É colaborador da União Internacional para o estudo da População, com sede em Paris, e do Instituto Internacional de Estatística de Haia, tendo publicado numerosos trabalhos científicos na China, na Europa e na América do Norte.

I

A INSUFICIÊNCIA DOS DADOS ESTATÍSTICOS RELATIVOS À POPULAÇÃO DA CHINA

No tocante a certos dados fundamentais relativos à população da China, a demografia moderna ainda se debate no terreno das hipóteses. É esta a explicação, pelo menos parcial, da ineficiência dos serviços governamentais, da lentidão do desenvolvimento das ciências sociais e das condições econômico-sociais pouco satisfatórias em que vive a massa da população chinesa.

1. Importância numérica da população chinesa.

É provável que, até hoje, ninguém conheça de modo preciso o número de habitantes da China. O Bureau da População, do Ministério do Interior, calcula atualmente a população total do país em pouco mais de 462 milhões de habitantes. Se há estimativas que dão cifras mais elevadas, a maioria delas, em compensação, correspondem a números mais reduzidos. Entre as 49 avaliações atualmente existentes graças às pesquisas realizadas em diferentes ocasiões por personalidades e por organizações chinesas ou estrangeiras, encontram-se diferenças consideráveis, atingindo uma cifra quase igual à metade do número de habitantes que tinha a Europa em 1938.

O melhor remédio para essa lamentável situação seria, a julgar-se pelas práticas do Ocidente, um recenseamento geral da população. É essa, aliás, a tarefa que cabe ao Bureau da População criado em maio de 1947. Mas, devido a vários obstáculos, muitos deles no momento intranspon-

níveis, não parece provável que tal projeto possa ser realizado.

Além de sofrer os efeitos da guerra civil, o país não dispõe de pessoal especializado a quem confiar essa gigantesca tarefa.

A fim de facilitar a realização de um recenseamento nacional dentro de um prazo relativamente curto, alguns especialistas em ciências sociais insistem junto ao povo chinês sobre o interesse de um estudo baseado em sondagens estatísticas levadas a efeito no território da China; é esta a única experiência prática cuja execução pode ser encarada imediatamente. Há uns quinze ou vinte anos, sondagens estatísticas em pequena escala, abrangendo, por exemplo, um ou vários "ksiens", vêm sendo realizadas em diferentes partes do país e os métodos relativamente modernos empregados, deram resultados bastante satisfatórios. Partindo desses primeiros ensaios, parece lógico que se procedesse, consoante os modernos métodos de recenseamento, a sondagens estatísticas em escala nacional. É possível que a iniciativa desses resultados satisfatórios, se a China se inspirasse nos últimos processos preconizados nos Estados Unidos (1) e na Índia (2) e nas sondagens estatísticas levadas a efeito na Grécia (3).

Uma sondagem estatística de caráter científico, abrangendo o país inteiro deveria permitir a coleta de informações dignas de fé acerca da composição da população e a maneira pela qual a mesma se divide em grupos, em função das principais características individuais: idade, sexo, ofício, casamento, instrução, etc. De fato, deveria ser possível calcular-se, quanto ao conjunto da nação, o número de membros que compõem os diversos

(1) MORRIS H. HANSEN: *Sampling of human populations* — relatório apresentado às Conferências Internacionais de Estatística. Washington, D. C., setembro de 1947; *A Chapter in Population Sampling*, artigo redigido pelo pessoal do Bureau dos recenseamentos, 1947; MORRIS H. HANSEN e W. EDWARDS DEEMING: *On Some Census Aids to Sampling*, *Journal of American Statistical Association*, set.º 1943; MORRIS H. HANSEN e WILLIAM N. HURWITZ: *On the Theory of Sampling from Finite Populations*, *Annals of Mathematical Statistics*, dezembro 1943.

(2) P. C. MAHALANOBIS: *Large Scale Samples, Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, Série B., vol. 231, n.º 584, 1944, Universidade de Cambridge, Londres.

(3) JESSEN (R. J.), BLYTHE (R. H.), KEMP-TORNE (C.), DOMING (W. E.): *On a population Sample for Greece*, set.º 1947, *Journal of American Statistical Association*.

grupos, bem como a importância relativa de cada um. Certos especialistas em sondagens estatísticas chegam a afirmar que uma sondagem científica suficientemente aprofundada permitiria avaliar-se, com um coeficiente de erro relativamente pequeno, a população total da China (4).

2. O nível de vida.

Num país essencialmente agrícola como a China, onde a maioria dos habitantes vive dos produtos da terra, um aumento contínuo e ilimitado da população torna inevitavelmente mais árdua a luta pela vida. Um estudo do nível de vida dá uma idéia aproximada do grau de superpovoamento e da gravidade dos perigos que o mesmo representa.

No plano social, seríamos levados, desde logo, se dispuséssemos de estatísticas demográficas dignas de fé, a levantar a questão: até que ponto podem os chineses conhecer condições de vida sãs, decentes e confortáveis? Não dispomos dos dados quantitativos necessários para responder de modo preciso a essa pergunta. Podemos, todavia, baseados nos dados de que dispomos, fornecer algumas indicações acerca do nível de vida dos vários grupos sociais.

Foram realizados recentemente estudos sobre o custo da vida em diversas regiões. Os métodos empregados nesses estudos não foram, porém, uniformes. Sessenta e nove desses inquéritos abrangeram as três classes seguintes:

1.º as famílias que vivem no campo, entregues, porém, a outras ocupações estranhas à agricultura; 2.º — as famílias dos camponeses; 3.º — as famílias dos trabalhadores citadinos (operários da indústria, trabalhadores braçais e operários qualificados).

A avaliação das quantias reservadas, no orçamento da família, para alimentação, vestuário, aluguel, combustível, iluminação e despesas diversas deu os seguintes resultados: é no Grupo 1.º que a percentagem reservada à alimentação (ou seja 66,8%) é mais elevada e a percentagem reservada às despesas diversas (ou seja, 6,2%) mais fraca. O Grupo 2.º situa-se em lugar elevado na escala social, uma vez que consagra 59% de seu orçamento à alimentação e 15,8% às despesas diversas; finalmente, o Grupo 3.º, que parece ocupar a posição social mais elevada, reserva 55,7% de seus recursos para a alimentação e 16,7 para despesas diversas (5).

Parece evidente que essas diversas classes sociais têm todas um nível de vida relativamente baixo, desde que reservam uma parte importante de seu orçamento para a alimentação, isto é, para a satisfação de suas necessidades fisiológicas essenciais. A importância das despesas diversas, isto

é, as quantias destinadas, entre outras coisas, à educação, aos divertimentos e à saúde, indicam, de modo aproximativo, a posição social de uma família. Considerando-se que a população chinesa compõe-se essencialmente dessas três classes, as informações relativas aos respectivos orçamentos de família e nível de vida, adquirem particular significação.

Embora os trabalhadores das cidades tenham, como dissemos, um nível de vida relativamente elevado, o valor nutritivo de sua alimentação ainda é insuficiente, como se verifica por estudos recentes acerca da alimentação cotidiana dos operários do arsenal de Tchoung-King. O inquérito levado a efeito em 1945 sobre as condições de vida e de trabalho dos operários das fábricas revelou que a alimentação fornecida pelo maior arsenal da cidade, embora considerada de um modo geral melhor do que a que recebe a maioria dos operários das indústrias governamentais ou privadas, mal bastaria para indivíduos pesando até 70 quilos. Por outro lado, essa alimentação, é de um modo geral pobre em vitaminas, especialmente A e D, em tiamina e em riboflavina (6).

Para o governo e para os reformadores sociais, o problema atual consiste, pois, em descobrir o meio de melhorar as condições econômicas e sociais, de maneira a elevar o nível de vida da massa da população.

3. Evolução demográfica.

Os dados existentes sobre a evolução demográfica na China não são muito mais completos do que os relativos à sua importância numérica. O número de emigrantes e de imigrantes sendo insignificante, o aumento espontâneo da população chinesa deve, necessariamente, ser atribuído ao excedente dos nascimentos sobre os óbitos. Quais os fatores sociais que favorecem ou retardam o aumento dessa população?

A paz e a estabilidade política parecem constituir as principais condições básicas para o aumento da população. A guerra civil, que se prolonga há anos e cujo fim ainda não se pode prever, e a segunda guerra mundial que atingiu quase toda a população chinesa, deveriam ter impossibilitado qualquer crescimento, digno de nota, da população chinesa. Além disso, as fomes e as epidemias que flagelam diversas regiões sustaram e sustam ainda o aumento regular dessa população. Mas não se deve concluir por isso que a população da China não tenha variado; o que se pode dizer é que os aumentos ocorreram com intervalos irregulares e imprevisíveis. Em outras palavras, o aumento da população chinesa não se processa em curva ascendente, assumindo antes uma forma cíclica.

Essa forma cíclica, aliás, é característica das sociedades agrícolas, onde a população aumenta à sombra da paz, da ordem e das boas colheitas,

(4) MORRIS H. HANSEN: *Lettre à l'auteur*, 28 de outubro de 1947.

(5) TA, CHEN: *Chapitre sur la main-d'œuvre*, Annuaire de la Chine, North China, Daily News, Changai, pp. 267-68, 1934.

(6) TA CHEN (Foundations of a Sound Social Policy for China): *Social Forces*, University of North Carolina, p. 142, dez.º 1947.

enquanto que a escassez alimentar e os cataclismos naturais provocam, em outras ocasiões, um aumento do índice de mortalidade. Pesquisas recentes permitiram demonstrar, na história da China, vários ciclos desse gênero; atualmente, estamos prestes a atingir o ponto mais baixo de um desses ciclos (7).

Convém considerar igualmente dois outros fatores: a educação e a saúde. A generalização da instrução permitirá a difusão de noções rudimentares de higiene pessoal, visando a proteção da saúde não só física, como mental. Nas aglomerações, onde o meio social se presta melhor a esse tipo de ação, a luta contra a falta de higiene permitirá reduzir-se o perigo das epidemias.

Neste últimos tempos, uma nova força social surgiu na China. À medida que as formas modernas de comércio e de indústria se desenvolvem em certas cidades, os trabalhadores têm diante de si empregos mais numerosos e mais bem remunerados do que dantes; o nível de vida de certos grupos tende, por conseguinte, a elevar-se o que certamente acarretará um aumento geral da população.

Os fatores econômico-sociais acima referidos explicam em parte a evolução demográfica da China. Infelizmente, a falta de estatística exatas e dignas de fé sobre o movimento da população, não permite analisar mais a fundo o papel desses fatores. Segundo certos dados relativos aos índices de natalidade e de mortalidade em diversas regiões relativamente pouco extensas, pode-se calcular, no conjunto da nação, uma taxa de natalidade provável de 40 por 1.000 habitantes e de óbitos, de 35 por 1.000 habitantes. A taxa de mortalidade infantil pode ser calculada em 275 por 1.000 nascimentos, o que representa um acréscimo anual de cinco indivíduos por mil habitantes. Se essas cifras não variarem, serão necessários cerca de 139 anos para que a população da China seja duplicada. Essa pequena taxa de aumento colocaria a China na mesma categoria de certas nações do Noroeste da Europa, da América do Norte e da Oceania. Mas, na maioria desses países, onde os índices de natalidade e de mortalidade são igualmente baixos, a industrialização está geralmente muito avançada, o nível de vida elevado e a limitação da natalidade se pratica habitualmente. Na China, pelo contrário, os fatores sociais em jôgo são inteiramente diferentes: o número excepcional de nascimentos é compensado pela taxa extremamente elevada de óbitos; a agricultura tem maior importância do que a indústria e o comércio. Há grande número de analfabetos; a limitação da natalidade é rara e as condições de saúde pública, pouco satisfatórias.

Como observamos, a lentidão ao aumento da população chinesa prende-se talvez a atual situação econômico-social hipótese que se afigura ainda mais possível quando reconhecemos que nos encontramos atualmente no término de um ciclo, consoante a teoria que acabamos de expor. Não pa-

rece pois absurdo pensar que o novo ciclo será, certamente, caracterizado por um aumento relativamente mais rápido da população (8), principalmente se a guerra civil terminasse e se, de um modo geral, melhorasse as condições de saúde pública.

Se o aumento da população se acelerasse dentro em breve, a causa principal seria certamente a redução do número de óbitos, uma vez que a taxa de natalidade se manteria provavelmente fixa durante algum tempo. A diminuição do número de nascimento se algum dia se verificar, só poderá resultar das influências citadinas que, por enquanto, têm alcance limitado.

II

MIGRAÇÕES INTERNAS

Convém considerar também a evolução demográfica provocada pela segunda guerra mundial e pela guerra civil atual, bem como peias migrações que se processam normalmente em tempo de paz.

1. Conseqüências demográficas da segunda guerra mundial.

Quando, em 1937, se iniciaram as hostilidades entre o Japão e a China, sem declaração de guerra, numerosos chineses, temendo por sua segurança pessoal e de seus bens, abandonaram os lares, em busca de regiões menos expostas ao perigo. Esses emigrantes eram oriundos de 24 localidades e cidades e, ainda, de regiões rurais situadas em 17 diferentes províncias. Alguns deles voltaram ao torrão natal quando a guerra e a ordem foram temporariamente restabelecidas mas outros, bem menos numerosos, continuaram a vagar ao acaso, no meio dos perigos, até se estabelecerem, finalmente, com as famílias, no Sudoeste e no Noroeste, a fim de trabalharem e viverem durante a guerra. No momento da rendição do Japão, em 1945, havia ainda, ao que parece, 15 milhões desses emigrantes na China livre; tinham-se fixado êles nos confins do país e, especialmente, no Sudoeste e no Noroeste.

Em conjunto, êsses refugiados de guerra pertencem a grupos bem definidos. A maioria é composta de habitantes das regiões industriais e comerciais, membros das classes instruídas ou jovens de ambos os sexos que, se tivessem permanecido em sua terra, teriam sido incorporados ao exército inimigo ou incluídos entre os membros do serviço obrigatório do trabalho ou nas escolas do governo fantoche. Sofreram toda espécie de vicissitude; alguns morreram de fome ou de moléstia; muitos perderam o emprêgo ou os bens e durante muito tempo estiveram desempregados. Embora tenha terminado a segunda guerra mundial, inúmeras localidades do Koei-Teheú, do Kuang-Si, do

(7) TA CHEN: *Population in modern China* — pp. 4 e 5, University of Chicago Press, 1946.

(8) WARREN S. THOMPSON: *Population prospects for China and Southeastern Asia*, Annals of American Academy of Political and Social Science, Philadelphia, Janeiro, 1945.

Kuang-Tung, do Yu-Nan e do Kiang Si continuam em situação econômico-social lamentável e quem viajar nessas regiões não poderá deixar de sentir-se dolorosamente confrangido pelo número de ocorrências trágicas ali verificadas: mortes pela fome, suicídios, emigração e venda de crianças do sexo feminino (9).

2. Conseqüências demográficas da guerra civil.

As migrações internas provocadas pela guerra civil resultam de causas múltiplas. Em primeiro lugar, nas zonas que são freqüentemente teatro de operações militares, os habitantes não se sentem seguros, tanto que muitos deles abandonam os lares, acompanhados das famílias. É fato comum, principalmente quando uma região muda de regime político e cai nas mãos dos comunistas, depois de ter estado nas mãos das autoridades governamentais ou vice-versa. Essas mudanças são, não raro, seguidas de desordens passageiras, de agitação e de perturbações variadas.

Em certas zonas rurais, essas perpétuas perturbações provocaram a emigração em massa de homens sadios, desejosos de fugirem ao serviço militar ou ao trabalho obrigatório. A fuga desses homens, em muitos casos foi uma das causas principais da pilhagem das fazendas e da escassez de gêneros alimentícios e outros produtos agrícolas.

Finalmente, os cataclismos naturais, embora não se apresentando com a mesma gravidade que no passado, podem também levar grande número de famílias a emigrar, em busca de alimentação conveniente e de abrigo seguro.

3. Evolução demográfica em tempo de paz.

O deslocamento das populações em direção às cidades constitui uma modificação do equilíbrio demográfico, que se processa normalmente em tempo de paz. Em grande número de cidades, pode-se observar migrações periódicas: os trabalhadores agrícolas abandonam as fazendas durante a "estação morta", em busca de trabalho nas cidades e voltam à aldeia quando se aproxima a época da semeadura ou da colheita.

Ainda mais comumente, vêem-se, em quase todas as regiões onde há grandes centros industriais e comerciais, jovens ambiciosos e ativos deixarem a aldeia natal para procurar emprêgo na cidade. Durante a segunda guerra mundial, Kounming, então em via de industrialização, atraiu em quatro anos e meio nada menos de 54.837 emigrantes provenientes de outras partes da China. O desenvolvimento das outras cidades se deve igualmente, em grande parte, a esse gênero de migração: informações oriundas de Shanghai indicam que a população, que era de 3.703.430 em 1936, em 1948 passara a 5.448.466 habitantes; em Peiping, elevou-se de 1.575.606 em 1936, a 2.111.000 em 1948.

Nas cidades de certa importância industrial ou comercial, a composição da população, por isso mesmo, está longe de ser tão normal como nas zonas rurais. Nos centros urbanos, os homens são geralmente mais numerosos do que as mulheres e o número de habitantes em idade de trabalhar é particularmente elevado. Assim, segundo recente relatório do Bureau da População, em várias cidades, como Nanquim, Shanghai e Peiping, há 120 homens por 100 mulheres. Se considerarmos agora os habitantes entre 15 e 44 anos de idade, isto é, os habitantes em idade de trabalhar, verificaremos que os mesmos formam 51,6% do total da população em Kounming, 44,4% em Koungang-hsien e 41,3% apenas em Tching-hsien, o que mostra que a agricultura tem ainda papel preponderante nestes dois últimos centros.

Outro gênero de migração parece despertar, entre certas pessoas, maiores esperanças. É o que se chama comumente o movimento em direção às fronteiras. No decênio que precedeu a segunda guerra mundial, verificou-se uma corrente emigratória bastante ativa em direção das planícies e vales do Liao e para o Nun e o Hailong, rios da Mandchúria. Cérca de um milhão de pessoas chegavam anualmente àquelas regiões; 60% ali se estabeleciam, enquanto que os demais voltavam à China do Norte, sua terra de origem. Desde a invasão japonesa de 1937, esse movimento cessou praticamente.

No Noroeste e, especialmente, na região dos Ordos e no estuário do Rio Amarelo, encontram-se ainda terras férteis, não colonizadas. Pode-se citar também as pastagens do Tsingai e do Sinkiang; mas tôdas essas terras são de extensão limitada. Além disso, parece pouco provável que atraiam número considerável de colonos, uma vez que as tendências conservadoras do camponês chinês provêm de tradições seculares e não o levam a abandonar o lar, separar-se dos pais e amigos para atirar-se à aventura de terras desconhecidas e começar nova vida.

III

A INDUSTRIALIZAÇÃO E A EVOLUÇÃO DAS CIDADES

Como dissemos, a tendência das populações rurais a se encaminharem para as cidades, tendência que há alguns anos se tem manifestado, só tende a crescer no futuro. Embora existam obstáculos de ordem natural e social que dificultam a industrialização da China, as técnicas mecânicas modernas estão ganhando terreno de modo sensível, em certas regiões. Antes da guerra, as cidades situadas no litoral e no vale do Yan-Tse-Kiang, constituíam, com certas partes da Mandchúria, as principais zonas industriais. Durante a guerra, a ocupação da maioria desses territórios pelo inimigo privou a população em geral de seus recursos industriais; fez-se mister, então, montar fábricas na China livre, para atender às necessidades dos militares e dos civis. Assim é que o inquérito recentemente realizado pelo Ministério das "Questões Sociais" acerca do pessoal

(9) C. C. WU: Diário escrito durante uma viagem de inspeção em cinco províncias, p. 72, Commercial Press, Shanghai, 1947 (em chinês).

técnico e dos trabalhadores braçais da indústria, em 14 cidades, abrangeu cinco cidades do Sudeste e do Noroeste, isto é, Lan-Tcheu, no Kan-Sou, Si-Ngan, no Chan-Si, Tchoung-King e Kounming no Yun-Nan. Antes da guerra, todas elas eram centros rurais. Em alguns anos os trabalhadores agrícolas e os artesões dessas regiões se transformaram em bons operários de fábricas. Esse fato contribui, sem dúvida alguma, para fortalecer entre muitos a idéia de que existem na China condições bastante propícias à industrialização.

O primeiro efeito sensível dessa transformação é, evidentemente, o crescimento rápido da população das cidades. Assim é que, entre 1937 e 1942, a população de Kounming cresceu em cerca de 8% por ano, enquanto que em épocas mais normais quase nunca variava. Devido à afluência de grande número de habitantes do campo para as cidades, os agricultores se transformam em operários, comerciantes ou empregados nos serviços de transporte. Em 1943, a indústria, o comércio e os transportes ocupavam cerca de 67% da população total de Kounming.

Multiplicando tais escoadões, a cidade garante um nível de vida satisfatório a maior número de habitantes do que o campo; mas, por outro lado, numerosos problemas sociais novos começam a surgir como, por exemplo, o da habitação, dos transportes, da educação e da saúde. O superpovoamento favorece o desenvolvimento das epidemias e a pobreza engendra o crime e a miséria. Mas esse desenvolvimento das cidades que se observa em certas partes da China permanece de limitada envergadura, uma vez que a população citadina ainda representa apenas pequena proporção da população total do país. Uma daquelas municipalidades tem quase seis milhões de habitantes, outra, pouco mais de dois milhões e quatro outras, um milhão pelo menos, cada uma. Além disso, 57 cidades dependentes dos governos provinciais são habitadas ao todo por 10 milhões de indivíduos. Entre essas cidades, há 21 grandes aglomerações onde mais de 200.000 pessoas têm residência fixa e 13 com, pelo menos, 100.000 habitantes permanentes. São esses centros urbanos que, na China, têm maior densidade de população. Depois deles, vêm inúmeras cidades bem menos povoadas, ligadas aos Hsiens e das quais a menor agrupa cerca de 5.000 pessoas; essa cifra é considerada, na China, de modo geral, como limite demográfico entre as populações urbanas e as populações rurais. Todas essas aglomerações urbanas não chegam a conter, ao todo, mais de 15 ou 20% da população total do país.

1. A vida urbana e as variações da taxa de fecundidade.

A concentração das populações nas cidades já tem influência acentuada sobre a taxa de natalidade. Um inquérito levado a efeito entre 8.087 famílias que vivem em Peiping, Shangai, Nanquim, Han-Keu e Wou-Si permitiu colhêr informações relativamente à natalidade dos lares pertencentes a onze classes sociais diferentes. Toman-do-se por base o número de filhos sobreviventes

por 10 famílias, a situação pode ser assim resumida:

- 171 filhos sobreviventes entre os empregados domésticos,
- 176 entre os empregados de fábricas,
- 222 entre os fazendeiros,
- 272 entre o pessoal de direção e empregados e
- 298 entre o pessoal do ensino (10).

A variação da taxa de natalidade segundo as classes sociais evidencia-se, assim, claramente. Por outro lado, de acordo com esses dados, a fecundidade estaria diretamente proporcional à classe social: quanto mais elevada esta, maior é o número de filhos sobreviventes por família. Essa situação corresponde às leis da eugenia; efetivamente, as classes que ocupam o alto da escala social dispõem geralmente de rendas mais elevadas do que as outras; receberam melhor instrução e sabem utilizar inteligentemente, em caso de necessidade, os serviços médicos e sanitários. Nos países ocidentais, a situação é, porém, muitas vezes inversa e o estudo das diferenças de fecundidade revela um fenômeno contrário ao eugenismo por isso que as classes sociais inferiores apresentam maior índice de natalidade do que as outras. Uma das causas essenciais dessa situação, é, naturalmente, o uso frequente, entre as classes superiores e entre as classes médias, de processos anticoncepcionais, raramente empregados pelas pessoas pobres e pouco instruídas que vivem naqueles países.

Contudo, no tocante à influência do desenvolvimento das cidades sobre a taxa de natalidade, as conclusões a que chegou o recenseamento levado a efeito na região de Kounming podem ser de certo interesse. Foram elaboradas, para essa região, tabelas distintas indicando o número de filhos sobreviventes nas famílias citadinas e nas famílias rurais; esse inquérito, que abrangeu 57.129 casais, permitiu determinar, para cada grupo de 100 famílias, o número de filhos sobreviventes a fim de tirar conclusões inclusive acerca da influência do desenvolvimento das cidades. Esse estudo interessa, pois, essencialmente, o meio agrícola, embora o burgo já se entregue, até certo ponto, ao comércio e que, na capital do hsien, as atividades comerciais ainda estejam pouco desenvolvidas. A taxa de natalidade nessas regiões rurais é relativamente elevada; o número de filhos sobreviventes por 100 famílias é de: 220,4 na aldeia; 208,3 no burgo e 203,3 na capital do hsien. Em compensação, na cidade de Kounming, o número de filhos sobreviventes é apenas de 165,1 por 100 famílias, cifra consideravelmente inferior, portanto, à das três zonas rurais acima mencionadas (11). Em Kounming, a evolução foi muito mais rápida do que nas coletividades rurais; parece, pois,

(10) WARREN (H. Y.), CHAN: *Differential Fertility according to social status*, editado por C. Cinin: Verhandlungen des Internationalen Kongresses für Bevölkerungsforschung, Band 8, pp. 95-103, Roma, 1933.

(11) TA CHEN: *Population in modern China*, página 31.

provar-se assim que a vida da cidade tende a reduzir a taxa de natalidade.

2. Desemprego.

Embora o desenvolvimento industrial das cidades multiplique as possibilidades de emprêgo, a constante afluência das populações para as regiões urbanas provoca, não raro, o problema do desemprego. Apesar da escassez de estatísticas neste particular, pode-se dizer que durante um dos piores anos nestes últimos tempos, havia ao todo, no conjunto do país, cerca de 6 milhões de desempregados, dos quais quase a metade estava distribuída entre quatorze centros industriais e comerciais.

Simples estatísticas não bastariam para fazer compreender a gravidade da situação, pois o desemprego tem, na sociedade chinesa, causas mais profundas. Certos especialistas em ciências sociais vêm nesse fenômeno uma praga social crônica, por isso que o país oferece poucos empregos para ocupar todos os trabalhadores que dêles necessitam. Nas zonas rurais, há quase sempre, durante os anos normais, um excedente de mão de obra, pois os recursos de que dispõem essas zonas, na sua maioria, são quase ilimitados. A situação melhora um pouco com o êxodo dos jovens que abandonam a aldeia para trabalhar nas cidades. Outro paliativo que age de maneira menos poderosa e mais irregular, é verdade, é a emigração dos solteiros para regiões incompletamente exploradas mas muitas vezes os laços de família e várias outras forças de inércia, de ordem social, paralisam qualquer desenvolvimento importante desse movimento.

Outrora, o artesanato recrutava com aprendizes grande número de jovens dos dois sexos. Mas a evolução dos costumes e a preferência hoje dispensada aos produtos industriais, mais procurados do que os artigos feitos à mão, fazem com que muitos artesões vivam com dificuldades. Os filhos das famílias pobres não podem esperar um bom futuro dentro de uma corporação ou formação artesanal.

E' verdade que muitos jovens de ambos os sexos se empregam nos estabelecimentos industriais e comerciais das grandes cidades. Mas o número de empregos permanece relativamente limitado, uma vez que a indústria e o comércio ainda não estão desenvolvidos em todas as partes da China.

IV

AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

A agricultura tem maior papel do que as modernas formas de comércio e da indústria. Em última análise é indispensável, pois, compreender as relações entre a agricultura e a população, a fim de apreciar devidamente certos problemas demográficos com que luta a China. Se, como muita gente crê, houver dentro em breve um

aumento sensível da população, este virá necessariamente, em grande parte, das zonas rurais (12).

Para sermos mais claros, distinguiremos duas questões fundamentais que nos interessam aqui de modo especial: 1.º — quais seriam os meios mais eficazes de modernizar a agricultura chinesa e quais os efeitos que o emprêgo desses meios teria sobre a evolução demográfica? 2.º Quais serão, possivelmente, no plano social, as principais consequências de um aumento dos recursos alimentares, se ninguém tratar de suas repercussões demográficas?

1. Modernização da agricultura.

Embora, sob o ponto de vista de sua extensão territorial, seja a China, inegavelmente, a segunda nação do mundo, as terras cultiváveis de que dispõe são relativamente reduzidas em relação à sua população e representam apenas um quarto de sua superfície total, ou seja, aproximadamente, 235 milhões de acres (94 milhões de hectares). A julgar pelos relatórios oficiais, o país tem pouco mais de 331 milhões de fazendeiros, cultivando em média, cada um, 0,72 acres (0,29 hectare) (13). Considerando-se a taxa de rendimento, extremamente baixa, cada fazendeiro não produz mais, ao que se calcula, de 1.500 kg de alimentos por ano, enquanto que os fazendeiros americanos produzem 22.000 kg, isto é, quase quinze vezes mais.

Nestas condições, embora os fazendeiros chineses representem talvez 80 a 85% da população total, sua produção alimentar não é suficiente para alimentar o total da população. Todos sabem que antes da segunda guerra mundial, a China importava regularmente produtos alimentares representando um total de cerca de 50.772.000 "boisseaux" (18.277.920 litros) de arroz e 15.823.000 "boisseaux" (5.696.280 litros) de trigo.

Para garantir o bem-estar do povo é, pois, necessário proceder-se com urgência a uma reforma científica da agricultura; entre as inovações que poderiam sem dúvida dar melhores resultados, podemos citar: aumento das dimensões médias das propriedades, utilização de melhores sementes, melhoria da exploração da fazenda, emprêgo de instrumentos e máquinas agrícolas mais aperfeiçoados, formação de trabalhadores mais qualificados, introdução de culturas mais variadas e generalização do emprêgo de adubos químicos. Se se procedesse realmente a essas reformas ou pelo menos às mais urgentes delas, poder-se-ia assistir dentro em breve a um aumento considerável da produção agrícola e, em particular, da de gêneros alimentícios. O país inteiro passaria a dispor, sem dúvida, de uma

(12) Uma missão agrícola organizada conjuntamente pelo Governo chinês e pelo Governo americano percorreu, em 1946, numerosas regiões da China. Recomendou, entre outras coisas, que o Ministério das Questões Sociais investigasse as medidas a pôr em prática para impedir o crescimento muito rápido da população.

(13) Relatório estatístico da República chinesa, Nanquim, 1947, p. 14.

alimentação melhor e mais variada. Aumentaria a produção de trigo, de feijão, de sorgo e de milheto nos planaltos lamaçentos do Noroeste e nas grandes planícies da China do Norte e da Mandchúria. O progresso da agricultura permitiria igualmente a colheita de maiores quantidades de arroz, de legumes, de frutas e de batatas no vale do Yang-Tsé-Kiang e no delta do Rio das Pérolas.

Quais seriam, eventualmente, as consequências sociais desse acréscimo dos recursos alimentares?

2. Consequências de um acréscimo dos recursos alimentares.

E' evidente que tal acréscimo seria muito benéfico para os chineses e, em particular, para as classes pobres. Mas a vantagem seria talvez mais aparente do que real, mais temporária do que permanente. Com efeito, se tudo correr normalmente, o aumento dos recursos alimentares contribuirá para adiar a doença e a morte e acelerar o aumento da população. Essa aceleração criará novas necessidades de alimentos, entrará de volta a pobreza geral. Se tudo se passar como previsto, é muito possível, pois, que a situação social volte a ser, afinal, tão deplorável quanto antes do aumento dos recursos alimentares.

Seria talvez interessante recordar aqui um caso bastante significativo nesse particular. No litoral da China, no Fu-Kien e no Kouang-Toung, as coletividades rurais recebem regularmente, já há alguns anos, subsídios de alguns de seus membros que emigraram para as Ilhas do Pacífico. As melhores condições de vida de que goza, assim, a aldeia, tiveram o efeito de reduzir a mortalidade, incentivar os casamentos e aumentar a taxa de natalidade; pouco a pouco, os lugares vagos pela saída dos emigrantes se encheram novamente e o superpovoamento tornou-se tão grave quanto antes.

Pode-se temer que em outras regiões o aumento dos recursos alimentares tenha, entre os camponeses da China, efeitos análogos, uma vez que, normalmente, deverá esse aumento provocar uma redução na taxa de mortalidade e um aumento da população.

A situação voltará então a ser tão má quanto antes, pois os recursos agrícolas tornariam a ser insuficientes.

E' possível, porém, que tudo se passasse de modo diferente, mediante duas condições: 1.º a quantidade de produtos alimentares postos à disposição de cada habitante poderia aumentar bastante para compensar qualquer aumento da população; 2.º o desenvolvimento dos recursos alimentares poderia ser acompanhado de um progresso de outra categoria (educação, elevação do nível de vida) dando ao homem da rua os conhecimentos e a cultura de que necessita para tirar o melhor partido desse desenvolvimento.

Tendo em vista o atraso do progresso técnico na China atual, não se pode esperar que a primeira

dessas condições se verifique. O mais provável é que a população rural diminua, uma vez que o aumento de rendimento permitirá a redução da mão de obra agrícola. Ao invés de se tornarem fazendeiros, grande número de rapazes serão levados e procurar trabalho nas cidades. No Japão, a população rural passou de 80,3% em 1893, ano da guerra sino-japonesa, para 63,41% em 1925, época culminante na história de seu desenvolvimento industrial (14).

No momento de começar a sua industrialização e a reorganização de sua agricultura, a China se encontra numa situação quase análoga à que se observou no caso do Japão, tanto assim que a sociedade chinesa deverá evoluir da mesma maneira que a japonesa.

Quanto à segunda condição, certos demógrafos realmente falam no perigo de que o aumento dos recursos alimentares, se não fôr acompanhado por um progresso de ordem moral ou social, tenha como resultado um aumento da população devido à redução da taxa de mortalidade.

V

A QUALIDADE DA POPULAÇÃO

A fim de estudar o problema da qualidade, faz-se mister, talvez, analisarmos as características inatas do povo chinês; infelizmente a esse respeito poucos dados existem, de um modo geral. No tocante ao aspecto negativo da questão, é preciso levar em conta o recenseamento feito em 1942 na região do Kounming; as observações feitas *in loco* naquela ocasião, não podem deixar de nos convencer da gravidade do perigo representado pela ação dos fatores contrários à eugenia; os relatórios mostram, efetivamente, que, numa população indígena de cerca de 381.000 indivíduos, 2% são física ou mentalmente deficientes; essa percentagem abrange, em particular, cegos, inválidos, surdos-mudos, loucos e epilepticos. O perigo de uma degenerescência da raça parece evidente.

Se ampliarmos nosso inquérito, poderemos procurar a influência do meio social sobre as condições de vida. Quando se examinam as estatísticas demográficas estabelecidas entre 1940 e 1946, na localidade de Tcheng-Koung, uma coletividade rural situada perto do Kounming, um fato impressionante se destaca: é que entre as quinze principais causas de morte, nos dois sexos, figuram seis doenças infecciosas, ou seja, o cólera, a disenteria, o sarampo, a varíola, o tifo e a tuberculose pulmonar.

Essa situação reflete a influência de um meio social desfavorável, propício à eclosão de toda espécie de males e ao aparecimento de condições de vida das mais precárias.

(14) NIHON TEIKOKU NENKAN, Anuário estatístico do Império japonês — Bureau de Estatística, Tóquio, n.º 51, 1932, p. 38.

De fato, nas zonas rurais, a vida humana é extremamente curta como demonstram os estudos levados a efeito entre os habitantes do Tcheng Koun, na província do Yun-Nan. As tabelas de mortalidade elaboradas segundo as estatísticas dessa região, mostram que a duração provável da vida, para cada criança que nasce, é de 33,8 anos para os homens e de 38 para as mulheres (15). Essa triste situação corresponde mais ou menos à que prevalecia no Massachusetts e no New Hampshire, em fins do século XVIII. Com efeito, naqueles dois Estados, em 1789, a duração provável da vida, no nascimento, era de 34,5 anos para os homens e 26,5 anos para as mulheres.

1. O casamento e a família.

Como resultado da evolução social rápida que se processa atualmente, a autoridade dos pais tende porém a diminuir e, no casamento, a iniciativa cabe, cada vez mais, aos próprios interessados. Esse abandono de tradições muito antigas tem importância capital no plano psicológico e social. A mudança manifestou-se primeiro entre as classes instruídas das grandes cidades, mas estas foram logo imitadas pelas classes médias e, em particular, pelos membros das profissões liberais, pelos industriais ou comerciantes dotados de certa cultura.

Os inquéritos recentes mostram que a família tradicional chinesa, em que pelo menos duas gerações vivem sob o mesmo teto, sempre favoreceu o desenvolvimento de famílias numerosas. Nesse tipo de comunidade, se o pai é que tem a chave do cofre, é o filho casado, que mora em sua companhia, que engendra os filhos. Essa divisão das funções econômicas e biológicas é considerada como uma das duas causas principais da multiplicidade das famílias numerosas na China. A outra causa, de caráter mais psicológico, reside, naturalmente, no culto dos antepassados. Inversamente, quando o grupo da família é do tipo reduzido o chefe da família é não sómente quem engendra os filhos, como também quem tem que encontrar os meios de satisfazer as necessidades destes. Assim, não deixará de compreender que quanto mais filhos tiver, maiores serão os encargos que assumirá para alimentá-los e criá-los; é por essa razão que entre os chineses inteligentes, muitos repelem a idéia da família tradicional, para adotar a da família de tipo reduzido.

2. Limitação do número de nascimentos.

As mudanças a que acabamos de aludir, embora se processem de modo lento, progressivo e esporádico, implicam numa modificação dos costumes no plano psicológico e social por isso que influem diretamente no ponto de vista adotado a respeito da reprodução. Durante estes últimos anos, essa evolução adquiriu tal importância que os elementos mais avançados do país chegaram a expressar abertamente idéias radicalmente con-

trárias às velhas e poderosas tradições pelas quais se regulavam outrora os casos pessoais e de família e a falar, por exemplo, em limitação do número de nascimentos. Fiel aos seus antigos costumes, o chinês continua, em geral, desejando ter muitos filhos. Mas, graças a contatos mais íntimos e mais freqüentes com a Europa e com a América, novas idéias se propagaram na China, novos modos de vida foram introduzidos e certos especialistas em ciências sociais foram levados a reexaminar a civilização tradicional da nação. O progresso industrial e a vida da cidade tendem, como dissemos, a reduzir a taxa de natalidade. Uma evolução psicológica e afetiva levou alguns representantes das classes instruídas a defenderem a limitação dos nascimentos. Consideram êstes que, não fixando qualquer limite ao número de filhos, as famílias são levadas a ultrapassar os recursos de que dispõem para garantir o alimento, a educação e a formação social de sua prole; chega-se, pois, assim, inelutavelmente, à degeneração do indivíduo, à desintegração da família e à ruína da coletividade.

Em 1922, depois de uma visita de Margaret Sanger à China, a propaganda para a limitação dos nascimentos passou ao primeiro plano da atualidade; a imprensa cotidiana e as revistas femininas publicaram edições especiais sobre o assunto. Esses esforços frutificaram, uma vez que, em 1930, abriu-se em Pei-ping, a primeira clínica anticoncepcionista logo seguida por outra. A atividade dessas clínicas foi, porém, interrompida em 1937 pela invasão japonesa. As duas instituições, funcionando sob a direção do Comitê da Maternidade, se ocupavam de cerca de 1.300 famílias, grupo numérico portanto pouco importante, mas composto de adeptos fervorosos. Os casais que lutavam com dificuldades provenientes, por exemplo, de: 1.º — falta de dinheiro; 2.º — saúde precária de um dos cônjuges; 3.º — doença hereditária ou enfermidade de um dos cônjuges, podiam procurar naquelas clínicas conselhos ou auxílios para limitarem o número dos filhos.

A segunda guerra mundial deu considerável impulso aos inquéritos sobre problemas demográficos, o que levou o Ministério das Questões Sociais a constituir um comitê encarregado de estudar a política a ser adotada em matéria de população. Depois de animadas e prolongadas discussões, preconizou êsse Comitê, entre outras coisas, a limitação do número de nascimentos como um dos meios eficazes para melhorar a qualidade da população. Embora essa recomendação tenha sido inicialmente rejeitada pelos dirigentes conservadores, do Kuomintang, foi finalmente aprovada pelo 6.º Congresso nacional do partido, a 17 de maio de 1945.

A julgar pelo funcionamento das clínicas de Pei-ping, parece que a limitação do número de nascimentos invadiu já não apenas as camadas superiores da sociedade, mas também as classes menos elevadas. Quando as clínicas anticoncepcionistas começaram a funcionar em Pei-ping por volta de 1930, foram patrocinadas primeiramente

(15) TA CHEN: *Population in modern China*, página 36.

por professores, funcionários e homens de negócios, isto é, principalmente por representantes das classes médias, mas também por certos membros das classes superiores. Pouco a pouco, a propaganda conseguiu chegar até os operários da cidade e os camponeses das vizinhanças. Em 1948, em Pei-ping, o Comitê da Maternidade reiniciou, em colaboração com o Comitê local da Infância, seus esforços de antes da guerra, visando garantir a limitação do número de nascimentos. A guerra e a agravamento das condições sociais e econômicas por ela acarretada, ao que parece, provocaram estragos na população das cidades. Se a propaganda em favor da limitação do número de nascimentos tomar suficiente impulso e se estender a outras regiões do país, é de prever-se a baixa do índice de natalidade em proporções apreciáveis. Quando chegar esse dia, a família chinesa terá em média menos filhos, o nível de vida das massas se elevará e, no tocante à educação e à saúde, um progresso geral e considerável se verificará.

VI

CONCLUSÃO

A exposição sucinta que acabamos de fazer evidencia certos aspectos essenciais dos problemas demográficos da China. Relativamente à solução de alguns desses problemas também apresentamos diversas sugestões que podemos resumir da seguinte forma: modernização da agricultura, industrialização, migração, limitação do número de nascimentos. É pouco provável que os problemas demográficos da China possam ser resolvidos por um só desses métodos empregado isoladamente. É mais pela combinação de vários deles, até mesmo de todos que se poderia esperar reduzir os inconvenientes do superpovoamento e melhorar a situação econômico-social.

Para sermos mais precisos, formularemos, à base dos dados fornecidos nesta exposição, certo número de conclusões:

Em primeiro lugar, na China de hoje, diferentes grupos desejam dispor de estatísticas demográficas mais dignas de fé mas ainda não chegaram a resolver definitivamente a questão de saber se, na situação atual, o método mais prático e mais capaz de dar resultados satisfatórios consiste em realizar um recenseamento nacional completo ou uma série de sondagens estatísticas em escala nacional.

Segundo: na China como no estrangeiro, numerosas são as pessoas que pensam que a população chinesa crescerá consideravelmente em futuro próximo; mas raros são os que têm elementos para fornecer provas positivas em apoio dessa assertão.

Terceiro: a segunda guerra mundial e a guerra civil produzem na China efeitos catastróficos que cada dia se tornam mais evidentes. Pode-se esperar que essa verificação levará algumas pessoas a redobrar os esforços no sentido

do estabelecimento de uma paz estável no interior do país, como entre as nações do mundo.

Quarto: a fraqueza da produção alimentar chinesa, que não chega para as necessidades da população, mergulha o país inteiro na pobreza e na miséria. Todos os esforços possíveis deverão por conseguinte ser feitos para aumentar essa produção. Existe, porém, o perigo de que, se essa evolução não for acompanhada de algum progresso de ordem cultural, venha a mesma a criar outros problemas demográficos.

Quinto: como a industrialização da China assumirá provavelmente, no futuro, uma importância cada vez mais considerável, poderão alguns considerar interessante examinar se essa industrialização criará problemas análogos aos que surgiram no Ocidente desde a época da revolução industrial.

Sexto: cogitar-se-á que influência terão as modificações que parecem produzir-se nos conceitos chineses de casamento e de família, sobre a evolução demográfica da China moderna.

Finalmente, levando-se em conta modificações sensíveis que já se produziram nos costumes chineses, parece que a limitação do número de nascimentos esteja destinada a ter, em futuro imediato, um papel bastante importante na evolução social.

BIBLIOGRAFIA

a) Livros

- BUCK (J. L.) — *Land utilization in China*, University of Chicago Press, 1937.
- CARR-SAUNDERS (A. M.) — *World population*, Oxford, Londres, 1936.
- CHEN, TA. — *Population in modern China*, University of Chicago Press, 1946.
- CHEN, TA. — *Emigrant Communities in South China*, Comité d'étude des problèmes du Pacifique, N. Y., 1940.
- CHEN, TA. — *Population problems*, Commercial Press, Shanghai, 1934, deuxième édition (em chinês).
- LIEU (D. K.) — *The growth and industrialization of Shanghai*, China Institute of Pacific Relations, Chang-hai, 1936.
- THOMPSON, WARREN (D.) — *Population and Peace in the Pacific*, University of Chicago Press, 1946.
- TSUI (H. C.) — *New viewpoints of the three people's principles* (Principles of nationalism, democracy and livelihood). Commercial Press, Changhai (em chinês).
- WILLCOX (Walter F.) (éditeur). — *International Migrations*, National Bureau of Economic Research, N. Y., 1931, vol. 2, ch. I: Increase in the population of the earth of the continents since 1650.
- WILLCOX (Walter F.) (éditeur). — *Studies in American demography*. Cornell University Press, 1940, Appendix 2: *The population of China and its modern increase*.
- WITTFOGEL (K. A.) — *Wirtschaft und Gesellschaft Chinas*. Leipzig, 1931.
- BATES (M. S.) — *The Nanking population: Employment, earnings and expenditures*. International Relief Committee, Nankin, 1939.

- CHANG (C. C.) — *China's Food Problem*. China Institute of Pacific Relations, Changhāi, 1933.
- CHIAO (C. M.), THOMPSON (W. S. D. T.) — *An experiment in the registration of vital statistics in China. Scripps foundation for research in population problems*. Oxford, Ohio, 1938.
- CHINE. — Direction du budget, de la comptabilité et des statistiques: Recensement effectué dans divers Hsien du Se-Tchouen. Tchoung-King, 1943 (em chinês).
- FONG (H. D.) — *China's industrialization*. China Institute of Pacific relations, Changhāi, 1931.
- HO (Franklin L.) — *Movement of population to north-eastern frontier in China*. China Institute of Pacific relations, Changhāi, 1931.
- HWAING (Tsong) — *Methode und Ergebnisse der neuesten Bevölkerungsstatistik Chinas*. Londres, 1933.
- INSTITUT DU RECENSEMENT, UNIVERSITÉ DE TSING HUA. — *The experimental registration of vital statistics at Cheng Kung and Kun Yang*. Tchen Kongg, Yannan junho 1946 (em chinês).
- LIU (Namning) — *Contribution à l'étude de la population chinoise*. Genève, Imprimerie et Editions Union, 1935.
- NI (Ernest) — *A study of the population structure in the Kunming metropolitan community*. These, University of Chicago, 1948.
- FAN (CHIA-LIN). — *The registration of vital statistics*. Institute of Social Science Research, Academia Sinica, Nankin, 1936 (em chinês).
- PAN (CHIA-LIN). — *An evaluation of the population registration systems in Europe and Asia* — These, Stanford University, 1945.
- SU (RU-CHIANG). — *Birth Control in China*. These, University of Chicago, 1946.
- TAWNEY (R. H.) (éditeur). — *Agrarian China: selected source materials from Chinese authors*. Institute of Pacific Relations, Changhāi, 1948.
- WANG (SHIH-TA). — *Recent estimates of China's population*. Institute of Social Research, Pei-Ping, 1931 (em chinês).
- WANG (SHIH-TA). — *The Minchingpu census of 1909-1911: a new study based on recently discovered documents*. Institute of Social Research, Pei-ping, 1931 (em chinês).
- WONG (W. H.) — *Distribution of population and land utilization in China*. China Institute of Pacific Relations, Changhāi, 1933.
- WOU (C. C.) — *Plan for China's industrialization (Data paper for Conference of Institute of Pacific Relations, Hot Springs, Virginia, 1945)*. Hot Springs, Virginia 1945.
b) Artigos
- BRITTON (R. S.) — *Census in ancient China: Population*. Editado por E. C. Rhodes, Londres, vol. 1, n.º 3, nov. 1934.
- CHEN (CHANG-HONG). — *Some phases of China's population problem*. Bulletin, Institut international de statistique: 24 (2): 18-54, Tóquio, 1930.
- CHEN (CHANG-HON). — *Changes in the growth of China's population in the last 182 years*. Chinese Economic Journal, Changhāi, jan.º 1927.
- CHEN (C. S.) — *The Chinese census of population since 1712*. Institut international de statistique: 25 (2) 122-134, Tóquio, 1930.
- CHEN, TA. — *The need of population research in China: Population Studies*. Universidade de Cambridge, Londres, março 1948.
- CHEN, TA. — *Proposal for the first national census of China by sampling*. Celebrations on Far Eastern Culture and Society, 3 abril 1947.
- CHEN, TA. — *Factors of Urban growth in China*. Documento lido nas Conferências internacionais de estatística, Washington, D. C., 17 setembro 1947.
- CHEN (WARREN H. Y.) — *An estimate of the population of China in 1929*. Bulletin, Institut international de statistique, vol. 25 (2) 55-87, Tóquio, 1930.
- CHIAO (G. M.) — *Rural population and vital statistics for selected areas of China, 1929-31*. Chinese Economic Journal, Changhāi, vol. 14, ns. 3 et 4.
- CHIAO (G. M.) — *A study of the Chinese population*. Milbank Memorial Fund Quarterly: 11 (4) page 341; 12 (1): 85-96; 12 (2): 171-183; 12 (3): 270-282, agosto 1933, jan.º, abril e julho 1934.
- CHINE. — Direction du budget, de la comptabilité et des statistiques, The Statistical Mounthly, último número publicado em 1948.
- CHINE. — Ministère de l'Information: *Les statistiques de population présentées par provinces*, 3 mars 1947, Tchoung-King (em chinês).
- FITZGERALD (C. P.) — *Historical evidence for the growth of the Chinese population*. Sociological Review, Londres, 28: 133-148: 267-273, 1936.
- JAFFE (A. J.) — *A review of the censuses and demographic statistics of China* — Population Studies, déc. 1947. Londres.
- JAFFE, (A. J.) — *Notes on the rate of Growth of the Chinese population*. Human Biology, fevereiro 1947.
- LAMSON (H. D.) — *Population studies: size of the Chinese family in relation to age, occupation and education*. Chinese Economic Journal, Changhāi, dezembro, 1932.
- LIEU (D. K.) — *The 1912 census of China*. Institut international de statistique, 26 (2): 85-101, Madrid, 1931.
- NOTE STEIN (F. W.) e CHIAO (C. M.) — "Population" chapitre VIII de l'ouvrage de J. L. Buck: *Land utilization in China*.
- NOTE STEIN (F. W.) e CHIAO (C. M.) — *A demographic study of 38,256 rural families in China*. Congrès international de la population, Paris, 1937; III Démographie Statistique, Stude d'ensemble, páginas 32-55.
- POPULATION INDEX. — *School of Public Affairs, Princeton University: Current estimates of the size and distribution of China's population*. jan.º 1948.
- SEIFERT (H. E.) — *Life tables for Chinese farmers*. Milbank Memorial Fund Quarterly, 13 (3): 233-236, julho 1935.
- TAO, MENG-HO et WANG, SHIH-TA. — *Population, Chinese Year Book, 1936-37*. Commercial Press, Changhāi, 1936.
- THOMPSON, WARREN (S.) — *Population prospects for China and Southeast Asia*. Annales de l'American Academy of Political and Social Science, Philadelphia, janeiro 1945.
- WILCOX, WALTER (F.) — *The population of China in 1910*. Journal of American Statistical Association, março 1928.
- WILCOX, WALTER (F.) — *A westerner's effort to estimate the population of China and its increase since 1650*. Bulletin, Institut international de statistique, 25 (3): 156-170, La Haye, 1931.
- YUAN (I. C.) — *Life table a southern Chinese family from 1365 to 1849*. Human Biology, maio 1931.
- YUAN (I. C.) — *The influence of heredity upon the duration of life in man based on a Chinese genealogy from 1365 to 1914*. Human Biology, fevereiro 1932.
- YUAN (I. C.) — *Vital statistics of Peiping Health Station*. Natural history Bulletin, Pei-ping 1932-33, vol. 7, partie 4, pp. 273-292.